



A Relação Espaço Doméstico e o Sucesso Escolar

Eduardo Agostinho Comasseto - UNOESC¹

Paulino Eidt - UNOESC²

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo discutir a necessidade de uma comunicação mais eficiente entre escola e família. Parte do princípio que o processo educativo e a aprendizagem acontece na interação entre os sujeitos envolvidos. O texto aborda os preceitos teóricos de Vygotsky e Paulo Freire, discute Pierre Bourdieu e Saviani na tentativa de visualizar um caminho que possibilite à escola transformar a realidade dos alunos das classes populares e não apenas reforçar as diferenças preexistentes. Sugere que a escola crie uma via de comunicação direta e mais eficiente com as famílias e intervenha no meio doméstico para construir um ambiente favorável ao gosto pelo estudo por parte dos alunos. Conclui apontando que a escola tem dificuldades em trazer a realidade do aluno para o ambiente escolar e que a realidade de algumas famílias não motiva a criança para que aprecie a leitura. Conclui ainda que a escola precisa *sair* da escola para conhecer as condições domésticas dos alunos e ajudar a transformá-las num espaço apropriado, visando o bom desempenho escolar.

Palavras-chave: Ler. Escola e família. Ensino /Aprendizagem.

1 Introdução

O Brasil é um país de distâncias continentais e de grandes diferenças culturais. Há realidades socioeconômicas imensamente desiguais de uma região para a outra, o que torna a adoção de políticas públicas um grande desafio. A homogeneização dessas políticas nem sempre dá bons resultados, exatamente, em função das necessidades especiais de cada região do país. Em se tratando de educação, a situação não é diferente. Ao longo dos anos, as medidas adotadas pelos governos têm esbarrado em fatores múltiplos, transformando, inúmeras vezes, os esforços de mudança na conquista de resultados muito pequenos. Não é à

¹ Jornalista, especialista em Comunicação Audiovisual, mestrando em Educação do Programa Mestrado em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc – Joaçaba-SC. E-mail: duca_25@hotmail.com.

² Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP; professor da Rede Pública de Ensino de Santa Catarina e do Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina. E-mail: paulino.eidt@unoesc.edu.br.

toa que o Brasil ainda é um dos dez países com índices mais altos de analfabetismo do mundo (KRAMER, 2010). Hoje, os números que revelam a problemática educacional relativa ao analfabetismo em maiores de 15 anos são assustadores e denotam as dificuldades fundamentais do ensino no país. As condições sócio-econômicas da população são uma flagrante barreira ao bom desempenho escolar. A má distribuição de renda atinge pais, alunos e professores. As condições de todos envolvidos no processo ensino/aprendizagem são muito precárias. Enquanto a maior parte da população vive com salário mínimo e em condições indignas de vida, o professor também sofre com os baixos salários e o desprezo por parte dos governos. Há problemas de estrutura nas escolas e na maior parte dos lares brasileiros. Fica evidente a necessidade de ações mais prontas no ensino fundamental para que a solução dos problemas inicie com os primeiros passos da criança na escola.

Diante disso, a superação do atual quadro da educação brasileira parece muito difícil. Mas, como diria o poeta Guimarães Rosa “viver é perigoso”. Ninguém disse que seria fácil e a despeito das dificuldades, a escola desempenha um papel crucial na garantia do direito à boa educação que todo o cidadão tem. Como diria Becker (1997, p. 14), “a educação e a aprendizagem transcendem a escola ao mesmo tempo que dela não podem prescindir, pois é ela ainda a única instância, para a maioria dos brasileiros, de apropriação dos instrumentos formais de que necessita para operar esta mudança”.

O presente artigo não pretende ignorar as condições adversas atuais, mas acredita em professores que continuam resistindo e vêem no horizonte uma educação verdadeiramente democrática, de qualidade e acessível a todos. Diante disso, propõe discutir a necessidade de uma comunicação mais eficiente entre escola e família. Parte-se do princípio de que o conhecimento se adquire nas relações sociais que se estabelecem no cotidiano e ao mesmo tempo na relação aluno e mestre na escola formal. O artigo se fundamenta no pressuposto de que é preciso reorganizar o ambiente doméstico de alunos de classes menos favorecidas. Em seguida, tenta demonstrar que o conhecimento da realidade do aluno por parte do professor é fundamental para o sucesso do processo ensino/aprendizagem. Nesse ponto, os conhecimentos de Paulo Freire (1977), Saviani (1980, 1995, 2007) e Soares (1996) têm destaque. No final, o trabalho discute preceitos de Pierre Bourdieu e encontra em Saviani o contraponto para o determinismo do francês. Diante da análise dos dois, aqui, aponta-se a necessidade da criação de uma via de comunicação direta e mais eficiente com as famílias e a intervenção no meio doméstico para construir um ambiente favorável ao gosto pelo estudo por parte dos alunos, isto é, propõe-se, uma reorganização do lugar onde as crianças vivem.

As idéias contidas neste artigo fazem parte de uma dissertação que ora está sendo construída, no curso de Mestrado em Educação, da Universidade Oeste de Santa Catarina, em Joaçaba, SC. No momento, a pesquisa encontra-se em fase intermediária de conclusão. Além do aprofundamento teórico já concluído, pretende-se fazer uma pesquisa de campo, através da técnica de coleta de Histórias de Vida, com famílias de crianças com bom desempenho escolar, estudantes de escolas públicas e, especialmente, aquelas que gostam de ler e escrever. O objetivo é identificar fatores domésticos favoráveis ao desenvolvimento do gosto pela leitura em alunos dos primeiros anos escolares. De posse dos dados, pretende-se sugerir uma intervenção em ambientes domésticos, considerados desorganizados, no sentido de prepará-los, sob vários aspectos, positivamente, visando o bom desempenho escolar.

2 Escola e família organizados

(a educação) não deve ser concebida como algo bizarro, mas como algo muito sério e que deve ser levado a sério. Somente assim o ensino será mais eficiente e determinará realmente o nascimento de uma nova cultura entre as grandes massas populares, isto é, desaparecerá a separação entre cultura moderna e cultura popular ou folclore (GRAMSCI).

De acordo com o dicionário Aurélio Buarque de Holanda (1975, p. 1005), o verbo organizar tem origem francesa e possui o sentido de ordenar, arranjar, dispor e mais especificamente de “dar às partes de (um corpo) a disposição necessária para as funções a que ele se destina”. Por extensão, a palavra “organização” se refere ao ato ou efeito de organizar-se ou modo pelo qual se organiza um sistema que, assim, também pode ser chamado de “organização” (p. 1005). O termo é fundamental para que se possa fazer, mais adiante, uma relação importante entre o ambiente doméstico e a escola.

Nesse aspecto, a escola pode ser chamada de uma organização. Ela está ordenada para realizar uma função fundamental na sociedade que é “ordenar e sistematizar as relações homem-meio para criar as condições ótimas de desenvolvimento das novas gerações, cuja ação e participação permitam a continuidade e a sobrevivência da cultura e, em última instância, do próprio homem” (SAVIANI, 1980, p. 51). É na escola que o saber é sistematizado com os aportes científicos desenvolvidos pelo próprio ser humano.

A escola passou a ser organizada dessa maneira somente a partir da idade moderna. Antes disso, a estrutura existente atendia reduzidíssimos grupos com fins específicos (CAMBI, 1999). A escola moderna passou a defender a publicação das descobertas

científicas, isto é, passou a desempenhar o papel de meio por onde os saberes elaborados pudessem chegar às pessoas de uma forma geral. A partir daí, estruturou-se com salas de aula agrupando vários alunos, distribuiu disciplinas e dividiu os alunos por idades em séries e graus de estudos. Apesar das críticas sobre as possibilidades do conhecimento difundido promover mudanças de base na sociedade, a escola se firmou ao longo dos anos como a instituição organizada para promover a reflexão e fazer o ser humano pensar sobre o seu fazer.

A indicação de que a teoria vem antes da prática é uma das premissas básicas da escola. O exemplo clássico de Marx ajuda a observar melhor isso:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir a colméia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador (MARX apud SAVIANI, 2007, p. 1).

Hoje, a estrutura escolar segue sendo praticamente a mesma desde a idade moderna. No entanto, frequentemente, é alvo de tentativas de mudanças, no que diz respeito, principalmente, à sua gestão e nas técnicas de ensino. Discute-se, invariavelmente, os processos de gerenciamento das escolas. A organização escolar precisa estar assentada de modo seguro para que sua estrutura funcione bem para atender o pressuposto de sua função primeira, como visto no início do texto, em Saviani (1980, p. 51). Em Laval (2004), vimos como uma boa organização é importante e atentamos para a perigosa intenção capitalista de querer transformar a escola numa empresa. Os preceitos capitalistas de lucro e competitividade, inseridos no contexto escolar, são um reflexo dos tempos atuais e servem aqui para ilustrar as influências a que está sujeita a escola.

Ao mesmo tempo, se analisarmos o processo de busca de um método de ensino, por exemplo, veremos que os estudos foram bastante pródigos nesse sentido (SAVIANI, 2008). Há uma miríade de concepções pedagógicas elaboradas ao passar dos tempos com o intuito de permitir ao mestre formas de conduzir sua função. As mais modernas, com bases construtivistas, pressupõem a realidade do aluno como fundamental para o sucesso do processo ensino/aprendizagem. Só para ficarmos em dois exemplos, usaremos aqui a “pedagogia do oprimido” de Paulo Freire e a “pedagogia histórico crítica” de Dermeval Saviani. Elas são suficientes para o que se pretende esclarecer. As duas têm base marxista.

Freire (1977) diz que sua pedagogia é aquela que é forjada *com* quem está aprendendo e não *para* quem está em processo de aprendizagem, isto é, faz parte de um processo de reflexão sobre a própria realidade. O autor condena o que chama de educação “bancária”, situação criada quando o educador se põe na posição de dono do saber e o educando é posto na de depositário de conhecimentos. Freire afirma uma pedagogia libertária, “que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará” (FREIRE, 1977, p. 32).

Saviani tem um pensamento semelhante, mas parece ir num ponto onde Freire não chega. O autor diz que “o povo precisa ir a escola para ter o saber erudito, ao saber sistematizado e, em consequência, para expressar de forma elaborada os conteúdos da cultura popular que correspondem aos seus interesses” (SAVIANI, 1995, p. 95). Ele também defende que a realidade do educando deva estar presente no conteúdo discutido na escola, mas “a cultura popular, do ponto de vista escolar, é da maior importância enquanto ponto de partida. [...] Para desenvolver cultura popular, essa cultura assistemática e espontânea, o povo não precisa de escola” (Idem, idem, p. 94). A exemplo de Freire, Saviani preconiza o esclarecimento do educando em torno dos seus antecedentes culturais com o intuito de se reconhecer e perceber onde está e poder prever onde pode chegar.

3 A Realidade do aluno

O que se mostra evidente é que na organização escolar há um preceito pedagógico moderno que defende a necessidade do conhecimento da realidade do aluno para que ele evolua em seus conhecimentos. Por outro lado, existe a flagrante dificuldade da escola em trazer para o ambiente educativo essa realidade. Aí, concordamos com Pedro Demo na análise pessimista em torno da formação e da capacidade dos professores em aplicar o que aprenderam em sala de aula. “Mesmo com os aportes extraordinários de Piaget e de tantos outros que vieram depois, sobretudo da atual biologia da aprendizagem, a escola continua instrucionista ao extremo” (DEMO, 2008, p. 124). Ele explica que o instrucionismo trata a aprendizagem como fenômeno linear: de cima para baixo, de fora para dentro, em contexto autoritário da obediência Weberiana. Daí surge o conceito completamente equivocado de “transmissão de conhecimento” e mesmo de “aquisição de conhecimento” (Idem, Idem, p. 134).

Então, se a escola existe para promover a reflexão da realidade, como ela vai fazer o aluno pensar sobre sua situação se ainda não está preparada para este debate? Para ajudar nessa discussão, o pensamento de Pierre Bourdieu talvez seja pertinente. O teórico francês

realizou um extenso estudo sobre a influência das condições domésticas no desempenho dos alunos. O resultado desse trabalho está numa obra chamada *A Reprodução* (1992). Dois outros autores ajudam a esclarecer melhor o pensamento de Bourdieu, Nogueira & Nogueira (2009), que se dedicaram ao estudo desta obra. Os dois revelam que para Bourdieu a escola simplesmente reproduz e legitima as desigualdades sociais. Em outras palavras, crianças que possuem, o que Bourdieu chama de capital cultural e mais precisamente de cultura escolar, têm mais chances de obter sucesso na escola do que os que não têm.

[...] para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais (BOURDIEU apud NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2009, p. 73).

Sendo assim, é bem provável que quem entrou na escola pouco afeito à leitura vai permanecer assim, pois “a escola privilegiária, dissimuladamente, quem, por sua bagagem familiar, já é privilegiado” (idem, idem). É o mesmo que dizer que para quem pertence às classes dominantes, a cultura escolar seria sua cultura “natal”, reelaborada e sistematizada. Para quem não pertence às elites, seria como uma cultura “estrangeira”.

No entanto, o autor não descarta a possibilidade de alguém despossuído atingir o mesmo grau de desempenho do que alguém de uma classe mais favorecida que esteja frequentando a mesma instituição de ensino. A diferença vai estar na possibilidade que a escola possa oferecer para o aluno desvendar seu papel no espaço social. A escola como agente da mudança, diz Bourdieu, junto com o aluno deve conhecer o campo, o *habitus* nele vigente, os capitais que por ele circulam e são valorizados e os grupos que o compõem.

Nesse ponto, num processo de desnaturalização da realidade, Saviani faz uma análise importante. Ele diz que a teoria Bourdieusiana, ou a teoria crítico reprodutivista, revela ser capaz de fazer a crítica do existente, de explicitar quais os mecanismos dessa realidade, “mas não tem proposta de intervenção prática, isto é, limita-se a constatar e, mais do que isso, a constatar que é assim e não pode ser de outro jeito” (SAVIANI, 1995, p. 79). Se como diz Bourdieu para a escola a cultura dominante é a cultura legítima, Saviani, como destacado anteriormente, defende que os menos favorecidos devam se apoderar desses conhecimentos para um processo de superação da realidade.

No entanto, para nosso estudo, o que Bourdieu afirma é fundamental, isto é, de que a cultura escolar presente em casa faz uma grande diferença no desempenho escolar. O autor

garante que ela é determinante. Ainda que requeira uma pesquisa mais aprofundada, pode-se dizer que cultura escolar significa, entre outras possibilidades, a existência em casa de uma estrutura favorável à educação formal dos filhos, isto é, a existência de um ambiente onde todos estão envolvidos no processo educacional, fruto de uma crença profunda nas possibilidades de ascensão social pela via do conhecimento. É também o local onde ocorre uma vigilância constante do desempenho escolar com o objetivo de motivar a criança a obter bons resultados. Nesse universo fora da escola, em resumo, há condições sócio-econômicas e culturais favoráveis ao gosto pelo estudo.

Seguindo o raciocínio de Bourdieu, e tendo em conta a definição do verbo “organizar”, colocado no início deste ensaio, as elites possuiriam este ambiente devidamente organizado em casa. Por outro lado, conclui-se que as classes populares estejam em situação inversa, isto é, não tenham uma situação ordenada, arranjada ou disposta, mais especificamente para dar às partes da casa a disposição necessária para motivar o estudo dos filhos³. Resumidamente, estão desorganizadas em relação ao que pode fazer a diferença no desempenho escolar deles. Essa desorganização é de origem sócio-econômica-cultural. Não é difícil entender essa situação ao se olhar para a própria condição do país. Frigotto ajuda a clarear esse aspecto quando destaca as discrepâncias existentes no Brasil ao afirmar que

Qualquer analista minimamente responsável e sério, ao correlacionar alguns indicadores da riqueza social que se produz no Brasil com a distribuição de renda, a pirâmide social, o salário mínimo, os direitos ao trabalho, a saúde, a educação, a moradia, etc., é levado a se perguntar como pode existir a magnitude de tanta desigualdade (FRIGOTTO, 2008, p. 69).

Ele destaca como foi necessária a criação do programa “fome zero”, cujo objetivo é dar três refeições diárias a um quinto da população que está em situação de miséria. Mais adiante o autor lembra que, nesse mar de injustiça social, o Brasil no campo educacional possui “aproximadamente 15 milhões de analfabetos absolutos como também grande parte da população trabalhadora adulta é analfabeta funcional” (FRIGOTTO, 2008, p. 70).

Então, como querer que num país de famintos e de cidadãos de baixa escolaridade tenha-se lares organizados para favorecer o bom desempenho escolar? É evidente que a tarefa pareça impossível. O foco das preocupações dessas famílias é o que lhes toca de imediato, ou seja, qualquer outra coisa, menos a educação. O papel primeiro dos pais num país

³ Ver verbete “organizar” na parte inicial deste artigo.

subdesenvolvido é de buscar sua sobrevivência objetiva, qual seja, a alimentação da prole, ficando em segundo plano as questões subjetivas (tão prezadas em países onde a sobrevivência já está garantida).

4-A Escola como organizadora

Diante disso, fazemos o seguinte questionamento: Poderia a escola realizar o papel de organizadora dos lares no sentido de prepará-los para serem favoráveis ao gosto pela leitura e o estudo de uma forma geral? Para responder a essa pergunta é preciso levar em conta que a escola conhece as condições necessárias para que o ambiente doméstico seja favorável para a criança continuar estudando longe dos bancos escolares. Aí sim, nos inclinamos a responder que sim, que a escola, em certa medida, pode exercer esse papel transformador da realidade. Ao entrar em contato com a situação dos lares, vai poder reconhecê-los e ao fazê-lo teria a realidade do aluno presente e de forma mais “palpável” para cumprir também sua função primeira, ou seja, de refletir a realidade do educando.

E só pode construir o conhecimento o professor que conhece a realidade do aluno. Que possibilidade rica é o professor conhecer mais profundamente a realidade de seus alunos. Se o professor tem acesso ao comportamento extra classe de uma criança logo nos primeiros anos da alfabetização e tem conhecimento teórico suficiente para analisar o comportamento dela diante do processo de leitura e escrita, consegue se preparar melhor para “iniciá-la” no mundo das letras. Nenhum aluno é igual ao outro. Cada qual tem uma velocidade de aprendizagem, tem um tempo para compreender e até aceitar que é chegada a hora de transformar a fala em símbolos gráficos.

Essa interferência, no entanto, se daria num processo de reconhecimento de fatores culturais pré-existentes nessas realidades. Como alerta Magda Soares (1996), as tentativas que foram feitas tentando impor uma cultura “estrangeira” em lares menos favorecidos não conquistaram êxito. A idéia preconizada aqui tampouco pretende substituir uma cultura por outra como se fosse possível esquecer o passado histórico em qualquer situação. Mas, acreditamos que é possível um trabalho junto às famílias para melhorar o fluxo de informações entre a escola, pais e filhos. Conforme Soares (idem), a escola ainda falha e muito quando leva os alunos de classes mais humildes a *reconhecer* que há um modo de falar e escrever diferente daquele que eles dominam e que é considerado “legítimo”, mas não

consegue fazer com que esses alunos conheçam de fato essa maneira de falar e escrever, isto é, “a saber produzi-la e consumi-la” (idem, p. 63).

Assim, o fracasso escolar não deve ser combatido tomando-se como “inimigas” supostas “deficiências” das crianças, de sua família ou de seu contexto cultural. Como faz a educação compensatória; o “inimigo” é a escola, que deveria transformar-se, aceitando as características culturais e lingüísticas das crianças das camadas populares para, a partir daí, levá-las à aquisição dos valores, comportamentos e linguagem das classes favorecidas, sem, entretanto, pretender que elas abandonem sua identidade e heranças culturais (aspas da autora) (SOARES, 1996, p. 35).

A soma das experiências práticas e acadêmicas de professores, pais e alunos podem levar as crianças a ampliar e educar olhares para a literatura e a arte, no momento em que se transformam em bons leitores e também em cidadãos mais preparados para a vida em sociedade. Só assim é possível construir o conhecimento. Ao respeitar o que o aluno já possui, o mestre dá uma lição muito importante. Os dois sabendo que sabem, para juntos avançar em conhecimentos. Assim, começa-se a formar cidadãos, dentro de uma escola, com uma capacidade de leitura e escrita bastante significativa.

5-Conclusão

Como diz Vygotsky, “sobre o professor recai um novo papel importante. Cabe-lhe tornar-se o organizador do meio social que é o único fator educativo. Onde ele desempenha o papel de simples bomba que inunda os alunos com conhecimento pode ser substituído com êxito por um manual, um dicionário, um mapa, uma excursão” (2004, p. 448). Concluimos que a escola precisa sair da escola. Se a realidade do aluno não está ultrapassando os portões escolares, a escola poderia lançar mão de um artifício que permitisse o conhecimento *in loco* dessa realidade. Ao mesmo tempo em que vai conhecer as condições domésticas dos alunos, ela ajudaria a transformá-las num espaço adequado para o aluno se sentir motivado para o estudo. Esta intervenção, como já foi dito, aconteceria em certa medida, já que há evidentes problemas estruturais que caracterizam o Brasil e que necessitam de mudanças de base. O desenvolvimento de um grande programa de alfabetização, capaz de motivar a massa da população para a escrita e a leitura, só vai surgir do seio de uma sociedade que busque realmente a democracia e a justiça social.

Referências

BECKER, Fernando. **Da ação à Operação: O Caminho da Aprendizagem** em J. Piaget e P. Freire. Rio de Janeiro, DP&A Editora e Palmarinca, 1997.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean Claude. **A Reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1992.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo, Editora Unesp, 1999.

DEMO, Pedro. **Complexidade e aprendizagem**. A dinâmica não linear do conhecimento. São Paulo, Atlas, 2008;

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Política e gestão educacional na contemporaneidade**. In conferência de abertura do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Políticas Educacionais (NEPE/CE/UFES) e do Observatório de Estudos sobre Práticas de Gestão da Educação (OBED/PPGADM/CCJE/UFES) em 10/09/2008.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**. São Paulo, Ática, 2010.

LAVAL, Christian. **A Escola não é uma empresa: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público**. Londrina, Editora Planta, 2004.

Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo, Cortez Editora: Autores Associados, 1980.

_____. **Pedagogia: o espaço da educação na universidade**. Cadernos de Pesquisa, Editora Autores Associados/FCC, n.130, jan/abril 2007, p. 99-134.

_____. **Pedagogia Histórico Crítica**. Primeira aproximações. Campinas, Autores Associados, 1995.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola: Uma perspectiva social**. São Paulo, Ática, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo, Martins Fontes, 2004.